

A ESPERANÇA DA NOVA CRIAÇÃO
Rev. Richard Giesken
Nazarene Theological College, Austrália

Introdução

A esperança de que Deus fará novas todas as coisas em Cristo é o fundamento da fé cristã. Em “Termine então Tua nova criação”, T. Scott Daniels argumenta que esse final cheio de esperança de nossa história molda decisões e reações dentro de nosso arco narrativo. Enquanto isso, “A esperança da nova criação” de Ivelisse Valentin-Vera explora a natureza e o escopo da esperança, que antecipa o fim da história enquanto a coloca no início da criação. Ambos os autores lidam com a tensão de viver entre essas duas verdades. Valentin-Vera enfatiza a santidade relacional transformacional fundamentada no poder do Espírito Santo, enquanto Daniels explora como Jesus personifica e proclama a escatologia da nova criação.

Definindo a nova criação

A descrição de Valentin-Vera da nova criação como “uma redenção coletiva de inclusão radical em meio a um mundo globalizado” permite várias linhas de interpretação. Primeiro, cria um contrapeso saudável ao individualismo excessivo. O pensamento ocidental tende a perceber a nova criação principalmente como salvação individual. Esse filtro cultural influencia a leitura de textos como 2 Coríntios 5:17, que Daniels usa para apresentar sua escatologia da nova criação. Embora o versículo esteja no singular, ele indica uma nova relação com o coletivo. Paulo aborda uma orientação relacional – a relação da pessoa com o coletivo. Nesse caso, a nova criação é pessoal, mas também relacional, pois o antigo “eu” se torna parte de um novo “nós”. Manfred Marquardt sugere que Jesus personifica o reino de Deus e, portanto, nossa iniciação em Cristo implica nossa libertação do egocentrismo, liberando o poder de Deus para trabalhar em e através de nós de acordo com o reino de Deus. “O reino de Deus entra na vida dos seres humanos já no presente, evocando a consciência conhecida da presença de Deus e trazendo consequências práticas.”¹

Em segundo lugar, a noção de “redenção coletiva” ecoa a observação de Paulo em Romanos 8:21 de que a libertação da “própria criação” está ligada à “liberdade e glória dos filhos de Deus”. Conceituar a criação em “cativeiro da corrupção” é um poderoso lembrete da interconexão entre a humanidade e o meio ambiente. Enquanto os conceitos escatológicos da nova criação apontam para uma restauração futura, há uma expressão atual de como o equilíbrio restaurado entre a humanidade e a natureza conduz à nova criação. Os cristãos têm sido cúmplices na exploração da criação, conforme observado pela crítica de Daniels ao dispensacionalismo. A escatologia escapista, que considera a criação temporária e de menor valor, pode levar a uma ação ambiental irresponsável. A personificação da criação de Paulo é um lembrete relevante de que a humanidade tem uma responsabilidade para com a criação. O relacionamento distorcido em Gênesis 3 começou a ser restaurado por meio da ressurreição de Jesus. O cuidado da criação tornou-se uma parte significativa da responsabilidade cristã atual.²

¹ Manfred Marquardt, “The Kingdom of God and the Global Society,” in *Wesleyan Perspectives on the New Creation*, ed. M. Douglas Meeks (Nashville: Kingswood Books, 2004), 163.

² Young Seok Cha, “Theological and Ethical Implications of Creation Care,” *The Journal of Applied Christian Leadership* 6, no. 2 (Fall 2012): 88–106.

O terceiro aspecto da visão de Valentin-Vera sobre a nova criação é sua “inclusão radical” articulada como inclusão social – Atos 2:9-11, Gálatas 3:28, Romanos 3:22 e 1 Coríntios 12:13. Essa inclusão é descrita como um mosaico em que cada ladrilho, embora totalmente contido, contribui para uma imagem maior. Essa esperança de uma nova sociedade é especialmente relevante em nosso mundo caído. Somente quando Cristo se torna o centro do ser humano que podemos experimentar a unidade que reflete a Trindade. Nossa inclusão em Cristo é a inclusão na comunidade de Deus – a base de toda a existência.

O artigo de Daniels reflete a esperança de estabelecer uma nova humanidade em Cristo. Ele identifica três temas do Antigo Testamento – “a bondade da criação, o retorno do exílio e o significado do templo” – em que argumenta que se cumpriram em Jesus e se tornaram a esperança escatológica para a humanidade. Nós somos chamados por Deus para participar da conclusão daquilo que foi iniciado por meio de Cristo, não confiando em nossa própria capacidade humana, conforme ensinado na escatologia do início do século XX, mas sendo cheios do Espírito de Deus que “reanima tudo o que está morto e traz vida nova e eterna”. Segundo Daniels, a renovação da humanidade marca o início da renovação de toda a criação.

Valentin-Vera concorda que a inclusão radical da nova criação vai além da sociedade humana, afetando toda a criação. Ela faz referência a Romanos 8:19-21 e 1 Coríntios 15:28, que apontam para a transformação completa de “todas as coisas”. A salvação é mais do que o resgate de alguns indivíduos, e abrange a libertação de toda a criação. A imagem da morte como o inimigo final a ser derrotado é uma imagem poderosa da nova criação. Mesmo após a ressurreição de Jesus, a morte e a decadência ainda estão presentes na criação atual. Daniels observa que, assim como o exílio não terá a última palavra na criação de Deus, a morte também não terá. No entanto, Valentin-Vera enfatiza que a esperança cristã é para a restauração e não para a destruição, desafiando visões distorcidas da escatologia que retratam a morte e a destruição como decisivas - até mesmo usadas como uma ferramenta empunhada pelo retorno de Cristo conquistador. Valentin-Vera destaca a continuidade no caráter de Cristo, afirmando que aquele que voltará é o mesmo que já veio, e que agirá com justiça no fim, como aquele que nos ensinou a amar nossos inimigos. A justiça restaurativa no escaton, embora muitas vezes negligenciada, está no cerne da nova criação, transformando o que foi danificado em algo belo e benéfico. A imagem das cicatrizes remanescentes no Cristo ressurreto reforça a antecipação do que se espera na ressurreição de Jesus.

A essência da esperança

Valentin-Vera baseia-se em Jürgen Moltmann para explorar a essência da esperança cristã como uma antecipação da nova criação. Para Moltmann, a nova criação pode ser vista especificamente na ressurreição de Jesus, e a sua antecipação não é passiva, mas envolve ativamente a realidade atual à luz da ressurreição. Consequentemente, Valentin-Vera afirma que a criação pode ser restaurada por meio da esperança, não apenas por atos humanos concretos. No entanto, a humanidade é convidada a participar da missão de Deus, conforme a declaração de Paulo de que todos em Cristo são a nova criação e receberam a responsabilidade da missão reconciliadora de Deus em Cristo. Não somos simplesmente recipientes passivos da salvação, mas nos tornamos agentes ativos do propósito de Deus na criação histórica e na nova criação escatológica, ao mesmo tempo em que participamos do Reino de Deus na realidade presente.

A Teologia da Esperança de Moltmann afirma que o futuro prometido por Deus superará o que Deus fez no passado. Não devemos buscar voltar ao “princípio-gênesis”, mas prosseguir

para cumprir a missão de Deus. A narrativa bíblica não termina com um retorno ao Éden, mas culmina com a descida da Cidade Santa de um novo céu para uma nova terra, estabelecendo uma nova relação entre Deus e a humanidade (Apocalipse 21). Eric Vail afirma que a chave para entender o arco da narrativa bíblica é a presença de Deus,³ pois a criação sempre foi concebida como o lugar da habitação de Deus. Uma vez que o Espírito de Deus traz vida, a comunidade do povo de Deus tem o poder para viver além do interesse próprio e para o bem de toda a criação.⁴ Isso certamente provocará mudanças nos objetivos da vida.

A esperança dos cristãos, no entanto, não é uma espera ansiosa por um final feliz. Daniels correlaciona o final da história com a vida presente. A esperança é um catalisador para o engajamento na realidade presente e produção de um futuro melhor e “nos torna prontos para carregar a 'cruz do presente’”.⁵ Carregar a cruz é participar da missão de Cristo no mundo atual, não esperar passivamente pelo futuro. De acordo com Moltmann, não apenas reinterpretemos a realidade atual, a história e a condição humana, mas “as transformamos na expectativa de uma transformação divina”.⁶ Como pessoas santas que acreditam no poder transformador de Deus, devemos ir além das palavras e nos engajar ativamente na obra da esperança para realizar as promessas de Deus. Apocalipse 21:5 fala da justiça restauradora de Deus, onde a criação e a imago Dei serão restauradas, incorporando a verdadeira esperança.

As promessas de Deus para o futuro devem ser cumpridas no presente. A ênfase de John Wesley em Deus envolvendo a humanidade e a criação na transformação salvífica continua influenciando a Tradição Wesleyana, destacando a realidade atual da parceria dinâmica entre a divindade e a humanidade.⁷ Essa ênfase se opõe às formas dominantes de determinismo cristão que reduzem a humanidade a peões impotentes no grande plano de Deus. A esperança cristã da nova criação trata da transformação poderosa nesta vida por meio da habitação do Espírito Santo (Romanos 8). Randy Maddox sugere que essa transformação não é apenas pessoal, porque cada pessoa incluída “em Cristo” contribui para nutrir a nova criação.

Conclusão

Tanto os artigos de Daniels quanto os de Valentin-Vera enfatizam que a esperança cristã não é um mero desejo sobre um futuro utópico, mas uma manifestação desse futuro no presente. A nova criação é fundada na realidade histórica da ressurreição de Jesus e alimentada pela promessa de renovação de Deus. Não é uma redefinição que apaga as cicatrizes da dor passada, mas uma redenção vital do que foi perdido. Isso dá esperança a todos os que estão perdidos e têm medo. Os insights de Valentin-Vera sobre redenção coletiva e transformação inclusiva por meio do Espírito de Deus afirmam a possibilidade de transformação autêntica na santidade de Deus. Este não é apenas um sonho idealista para o futuro, mas uma realidade a ser abraçada em nosso mundo caído com a esperança na nova criação através da qual Deus fará novas todas as coisas.

³ Eric M. Vail, *Eschatology*, The Wesleyan Theology Series (Kansas City, MO: The Foundry Publishing, 2020), 39.

⁴ Vail, 40.

⁵ Jürgen Moltmann, *Theology of Hope: On the Ground and the Implications of Christian Eschatology*, trans. James W. Leitch (London: SCM Press Ltd, 1967), 31.

⁶ Moltmann, 85.

⁷ Randy L. Maddox, “Nurturing the New Creation: Reflections on a Wesleyan Trajectory,” in *Wesleyan Perspectives on the New Creation*, ed. M. Douglas Meeks (Nashville: Kingswood Books, 2004), 50.